ANNO II N. 5

Escola de Direito

ORGÃO DA FACULDADE

Recife, 23 de Setembro de 1898

Engenheiro José Joaquim de Mello Cahú

Facto commum e repetido é o da morte!...
No emtanto quantas vezes ao registral-o sentimos que a onda amarissima do pranto mal contido invade-nos os olhos! Quantas vezes achamol-o extranho e recuamos diante de sua brutal veracidade! Assim foi o triste acontecimento que tão de perto veio ferir a quem, para nós, além de collega estimado, representa o amigo leal e querido.

No dia 3 do corrente enluctou-se o lar do nosso distincto collaborador Pedro H. de Mello Cahú, com o desapparecimento material de um desses entes que para um coração de filho vale um thesouro inapreciavel de illimitado affecto e que uma vez perdido jámais se poderá encontrar. Fulminado por uma syncope cardiaca, no mais intimo aconchego da familia, baqueou ao inexoravel golpe, que é o eterno epilogo da vida, o prestimoso cidadão Engenheiro José Joaquim de Mello Cahú, pai d'este amigo querido a quem acima nos referimos.

O lucto, a dor, a desolação preencheram no re-

cesso desse lar, onde a harmonia, o affecto e a honradez formavam a triplice e lucida corôa que o aureolava, os logares da alegria, cordialidade e expansão. E agora o doloroso trio subsiste e subsistirá até que a lei fatal do anniquilamento ceife, com a vida, nos corações dos que ficaram. a flor immessivel da sempiterna saudade.

O arrebatado pela implacavel roubadora de todas as venturas, foi aninhar-se na lembrança dos que o amavam com a ternura inexpremivel de filhos e de esposa. e na memoria d'aquelles que vendo no filho o reflexo purissimo do pai, o estimavão e souberão sempre dar o apreço devido as suas altas virtudes civicas e moraes.

O Engenheiro Mello Cahú foi um desses homens de caracter inamolgavel, cuja tempera era-lhe a couraça adamantina, atravez da qual se abrigavam, isemptas do ataque insolito das conveniencias, aquellas convicções austeras e inabalaveis que tanto o elevavam no conceito d'aquelles que tiveram a felicidade do seu convivio, e deixou por herança honrosa a sua crescida e esperançosa próle.

Na sua vida em familia foi elle o prototypo do pai amoroso, do esposo modelo e do parente dedicado. Como amigo nunca a menor jaça poude desmerecer o valor de sua dedicação, nem o sacrificio conseguio suptar os impetos generosos de sua alma singelamente affectiva.

Como cidadão, no longo percurso de sua vida publica, alliou ao escropuloso cumprimento do dever o trato ameno, leal e franco, traços caracteristicos de cavalheiro perfeito, de cidadão impolluto.

Republicano historico, sob a modesta apparencia do homem simples, sentia com a patria adorada as constantes alternativas porque a adversidade fal-a passar. Quantas vezes não ouvimol-o, na sua roda intima,

n'estes momentos terriveis de geral decadencia, falar com ardorosa energia de combatente, ora invectivando os elementos propulsores de causas tão nefastas, ora lamentando, não com a jeremiada dos vencidos, mas com o justo despeito dos crentes, o estado morbido que avassala, desgraçadamente, o coração dos nossos homens politicos !...

Simples e bom, era um d'esses raros, que no meio do aviltamento moral que intenso lavra pela sociedade, impoz-se a admiração de todos como um homem de bem.

Morreu pobre, como todos cujo dórso é de aço inflexivel e que por não saber pegar no incensorio das vis bajulações, apenas deixa aos filhos o orgulho invejavel de um nome que é a synthese de uma vida sem manchas e a expressão mais latente da probidade.

Compungidos, nós os da redacção da *Escola de Direito*, traduzindo os sentimentos dos nossos collegas, que representamos, estreitamos n'um sincero amplexo o nosso muito querido Pedro Cahú e enviamos a sua respeitavel familia a expressão do mais verdadeiro pezar.

OS VENCIDOS

DRAMA DE FRANÇA PEREIRA

A ausencia dessa psychologia das crises, de que falla Paulo Bourget, em que as paixões se apresentam vividas e nitidas e os caracteres se destacam, assignala a feição do trabalho de França Pereira, em beneficio da reflexão.

Entretanto é preciso que o drama aspire a expressão da verdade e nelle circule a seiva do coração, como uma planta que por suas folhas absorve a luz e o ar e

da terra tira os seus elementos nutritivos ; para que não seja simplesmente meditação e, sim, ostente a magnifica floração das paixões e não enfeixe a imitação dos actos individuaes sem vizar o intuito final que sempre os acompanha.

Não quero dizer com isto, porém, que seria preferivel que elle nos désse, por exemplo, paginas de amor enxertadas de intrigas banaes de coincidencias e de situações arranjadas—estructura de quasi todos esses dramas mediocres que pululam por ahi, não ; nos reportamos apenas aos fins extraordinarios da arte dramatica.

Idealisação dos conflictos dos interesses da vida privada sobre que repousa a humanidade de hoje toda a sua emoção esthetica como a de outr'ora inspirava-se na vida publica para a manifestação das suas concepções artisticas, o theatro deve ser um reflexo da vida, o crystal em que espelha uma sociedade as suas nuances. D'ahi reinarem no theatro a paixão e os factos, para que se interesse o publico que se abandona á corrente de emoções dos actores. E' o que leva Philarète Charles a dizer que o homem para meditar se isola ; desde que se reune, é povo ; povo, a sensação o arrasta e a reflexão lhe escapa.

A arte dramatica viveu realmente quando attingio a esse periodo em que ia procurar toda a sua força na paixão ; então desenvolveu-se organicamente, existindo, pois, mais arte no tempo de Calderon, de Racine, de Sahkspeare e de Göethe do que hoje.

Não resistimos ao desejo de transcrever aqui as palavras de Emile Faguet quando diz : «que le theatre á idées est une idée fausse et le theatre sera toujours le theatre à passions et non pas autre chose, et que jámais il n'exprimera les idées qu'en tant que devenues passions et que c'est precisement pour cela qu'il resa toujours le plus mauvais instrament du mond à exprimer des idées.»

Deixando de lado, porém, estas divagações, considerando o drama de França Pereira como obra litteraria para ser lida, são innumeras as bellezas.

Atravez das roupagens rútilas dos periodos transparece um espirito de selecção, fecundado pelo estudo.

França Pereira apresenta-nos almas sacudidas por essa positividade do seculo que tudo empolga; a vida de hoje lembra bem, uma arvore cujos ramos se estorcem e se chocam ás furias dos ventos, como os individuos, attrahidos pelo turbilhão da Duvida. E como diz Milton, um dos personagens, «só a Arte imperecivel e eterna, só a Arte gloriosa e sublime dá por um momento a illusão de um mundo superior e de um sonho tranquillo e sereno. Só ella nos eleva um pouco acima das miserias humanas que salteam na grande noite do Nada, nossas consciencias atarantadas.»

E o que ahi fica é uma ligeira impressão e nada mais.

SORIANO DE ALBUQUERQUE.

PARA RIR...

« A Assembléa Legislativa do Ceará, em nome do povo cearense, affirma aos membros do Senado e da Camara Federal o seu reconhecimento por toda a recusa e innovações em materia de casamento, ampliando os casos de divorcio,como resultaria da adopção das reformas que forão propostas ao codigo penal vigente.»

Quando a gente sabe o que valem os congressos, com raras excepções, nos nossos estados... outra cousa não *pode esperar*.

A' lua

Lua, lua serena, immaculada
Virgem astral da celica planura,
Tú que vagas na esphera illuminada,
Dize-lhe, lua, o mal que me tortura...

Dize-lhe todo o agror, todo o secreto
E intimo pezar que a Dôr suprema
Vasou-me n'alma, dès que o nosso affecto
Crepusculou no cháos da Agrura extrema...

Quando a neve do luar claro e radiante
Como um pranto de luz banhar-lhe a lousa,
Conta-lhe intimamente esta incessante
Magoa sem fim, depois que ella repousa !

Là da região esplendida e sonora
Onde adormecem pallidos archanjos,
D'esse paiz em que uma eterna aurora
Anima a estancia virginal dos anjos,

O mesmo alvor, a mesma lactescencia
De nevoa fina, vaporosa e dôce,
Dá-lhe ao tumulo, --- pouso de Innocencia,
Onde a origem do Amor evaporou-se !

Tú que outr'ora lhe ouviste a magoa e o pranto,
E ao berço lhe enviaste o luar dormente,
Dá-lhe do seio o morbido quebranto,
Vela-lhe o somno, lua, eternamente !...

CORREA PINTO.

Os Pombos

Quando o oriente matizava-se de tons purpureos, sanguineos, na alvorada cantante das manhãs de sol, iam-se os pombos, azul a fora, voando, á similhança de dois noivos gracis que procurassem a região sublime dos Sonhos, o Eden magnifico dos Amores eternos...

Azas soltas no espaço sonorisado pelo rumor de outras plumas, fugiam, céleres, gemendo o arrulho dolente dos ninhos, o mesmo garganteio flebil que prenunciava ternuras amorosas, trocadas no pombal, quando os bicos estreitavam-se num longo idyllio de goso.

Era um casal gentil de pombos brancos. Nascidos á sombra do mesmo tecto, criaram-se juntos, como dois irmãos, e decerto queriam-se muito, pois que sempre os vi aos afagos, serenamente enlevados, no conchego invejavel e caricioso de amantes felizes.

Pousados no pombal, de volta dos longos giros, pareciam afadigados e, presos de um semi-somno, cahiam num deliquio dôce, tristes, silenciosos, afastados, como si nunca tivessem amado.

Era agradavel vel-os então! A' maneira de creaturas que sonham, despertavam, ás vezes, sacudiam as pennas, arrulhavam baixinho, e, unindo os bicos na doçura dos beijos, tinham desmaios ineffaveis, ao som de turturinos maguados, como si fossem morrer...

CELIA DE MENDONÇA.

Collo

Collo de neve candido, ondulante
Mar de volupia que possue o escolho
De um signal preto, bello e fascinante
Que os sentidos me escalda quando o olho.

Collo de neve angelico e arquejante
Ninho de amor de perfumado fólho
Que so' de vel-o no licor flammante
Do goso, os labios séquiosos molho...

Collo de neve assim parece feito
De raios de luar!... Se um dia a gosto
Nelle pousar podesse um longo beijo

Talvez que por meus labios se escapasse
Nesse beijo minh'alma e terminasse
Minha sede de amor e de desejo!...

Rio—1898.

JOSE' MARIA GOULART D'ANDRADE.

Causticando

No revolutear continuo das sociedades humanas apparecem homens privilegiados, espiritos luminosos, cerebrações augustas, que, expandindo as azas e rapidos como um meteoro, demandam o Mysterioso, emquanto sua memoria, guardada na ara intima da familia e jamais esquecida pel's ami-

gos, será sempre a alavanca poderosa dos grandes commettimentos, o credo respeitosamente balbuciado por quantos tenham o instincto do Bello e do Sublime.

Todos os povos, acobardados no momento critico das grandes catastrophes,das sangrentas hecatombes, evocando ao passado a lembrança de um dos seus maiores que haja realisado todas as aspirações nacionaes, enthusiasmam-se, electrisam-se e depois,envidando esforços,despresandosacrificios, transpõem obstaculos que pareciam-lhes insuperaveis. e vencedores, vão, afinal banquetear-se no mesmo lugar em que o inimigo havia assentado seus arraiaes, as forças caudinas em que pretendia fazel-os perecer.

Só nós não temos um vulto verdadeiramente nacional, um vulto cujo nome seja o «labarum» em volta do qual reunam-se todos os brasileiros com o coração repleto de saudades e ao mesmo tempo de esperança. Por esta razão o Mestre Sergipano disse com grande verdade:

«Ai!... As outras nações dizem altivas»;
«Pitt, ou Bismark, e nós?... o Amazonas«!

Mas no meio d'essa nossa «decadencia»,d'essa flexibilidade de caracter, d'essa falta de genios e de illustração, surgem dous moços que, como o relampago em noute de tempestade e trevas,veem alumiar com suas luzes o caminho florido pelo qual o Brasil futuro trilhará, devido às excelentes qualidades patrioticas d'esses«Nortistas.

Esses moços, em cuja fronte brilha perennemente a estrella rediviva de mascula intellectualidade, são os Drs. R. Bilhar e A. Costa, que, descendo do aureo throno onde os collocou a gratidão nacional, vieram em um artigo sob a epigraphe «Norte-Sul», publicado na «Escola de Direito» bater as theorias que, sobre a Confederação do Norte, nós, humildes entre os humildes, atomos ante a amplidão gigantesca de sua mentalidade, tivemos a ousadia de expandir n'essa mes-

ma revista academica. Para não interromper a pequena serie de artigos que então escreviamos, deixámos de responder com a devida urgencia. Isto. porèm, em nada, absolutamente nada, prejudicou-nos, por quanto o nosso talentoso collega J aquim Amazonas, «sem pretender fazer critica, nem tão pouco fazer philosophia», demonstrou que no «Norte-Sul» havia affirmações contrarias à sciencia, à logica,» etc, etc.

Demonstrou mais que R. Bilhar e A. Costa erraram redondamente quando affirmaram que «a tendencia de todos os povos é para uma aggregação de definidos estados», que marchamos para a centralisação ao mesmo tempo que para a democracia universal», que o homem tem procurado viver fora da sociedade, tem procurado separar-se, que «um organismo aggrega atomos», que «uma nação aggrega sociedades, que as nacionalidades procuram unir-se, que Roma e Grecia fraccionaram-se por «falta de condições objectiva e subjectiva de que necessita um estado para constituir--se nação»,

Ora, confessemos que o Amazonas foi de uma barbaridade atroz para com os modernos e illustres cosmopolitas.

«Nos fins do seculo passado, dizem Bilhar & Costa, assistimos a annexação da Saboya á França ; e no actual a unificação da Italia, obra de Cavour ; Bismark, o Chanceller de Ferro, reunindo sob o sceptro da Allemanha, reinos, imperios, republicas, condados ; e mesmo na America, o povo norte-americano se compenetrando das desvantagens de um desmembramento unificando se o por isto, diz Jay, prosperando sempre».

A's razões em que Amazonas bascou-se para destruir estes argumentos, nós accrescentamos : a republica universal nada lucra com o facto de pertencer a Saboya à França ou á Italia, pois é logico que ella com isso não augmenta, nem diminue sua extensão territorial ; accrescentamos que não foi com o fim de realisar essa chimerica republica que reuni-

ram-se os paizes que formam a Italia de hoje ; tambem não foi porque temessem aggressões estrangeiras (tanto è assim que bateram-se pela independencia) ; a Rumania, a Servia a Bulgaria, Montenegro, mesmo Andorra e São Marinho, si bem que sob pretectorados, fazem-se respeitar pela moralidade de suas leis ; acrescentamos que R. Bilhar e A. Costa, republicanos, não podiam fazer a apologia de Bismarck, pois que elle «procurou por todos os meis augmentar o poder imperial em detrimento da vontade da nação» e «isolar da Europa a França», que ficaria excluida da republica universal, segundo sua vontade talvez, si esta chegasse a realisar-se ainda em sua vida ; acrescentamos que elles enganaram-se quando disseram que o Chanceller havia reunido sobre o mesmo sceptro reinos. imperios, republicas e condados (?), quando tudo isso é que forma um imperio : o da Allemanha ; acrescentamos que, porque Lincoln tenha triumphado dos *confederados*, o povo norte americano não póde dizer que tem-se compenetrado das desvantagens d'um desmembramento.

Bilhar & Costa dizem : «Nesta epocha toda de restituições (a Alsacia e a Lorena provam-nos), toda de justiça (a condemnação de Zola demonstra a) è natural que o espirito preponderante de *então* (?), eliminando-se completamente dos falsos zelos em defeza dos quaes, fez-se derramar rios de sangue e de *ouros* (?), etc ; e mais adiante, no mesmo periodo, apontando as vantagens da unificação, transcrevem um discurso de Anna Stuart, no qual essa rainha, fallando ao parlamento escossez pretendia fazel-o crer que era necessaria a juncção da Escocia a Inglaterra. E' natural, respondemos, que um soberano pretenda augmentar os seus dominios, que um tyranno gratifique amplamente o inventor de um instrumento de supplicio, de exterminio, da mesma forma que é natural que Bilhar & Costa, cosmopolitas, cuja patria è o coração da hu-

manidade, entes superiores, não se tenham submettido a poderosa *lei le imitação* para bater as nossas theorias.

«D'ahi (da separação) a necessidade de mobilisar-se um grande corpo de exercito que possa de prompto acudir a (?) defeza de suas fronteiras em tão extensa região» Ora isto é verdadeiramente pandego. porque si a extensão limitrophe de um estado é grande, muito maior será a de diversos, cremos! Accresce que esse corpo de exercito ainda torna-se mais necessario por causa da vastidão do Brasil, em cujo interior reina indomita selvageria. A quem está confiada a guarda das nossas fronteiras do Amazonas ao Prata ?

«Diz um dos mais fervorosos adeptos d'esta propaganda : a historia na observação consciente dos actos humanos demonstra que de indole revolucionaria são todos os povos de origem latina==Estamos de accordo e por isto é que devemos ser fortes e unidos». Eis ahi uma deducção que não esperavamos e só por muita logica poderia ser encontrada. *Tire-se a causa e o effeito cessará* ; desappareçam as prevenções incabiveis do Sul e então o Norte, julgando-o amigo, julgando-o irmão, sem motivos para rivalidades,abafará qualquer germen de discordia que se suscite. Não veem R. Bilhar e A. Costa que essas revoluções de que fallamos são de uns Estados para com outros ?

Não veem que não trata-se de guerras com uma potencia qualquer, po que então não teriamos empregado a palavra revolucionaria ?

Não veem que o Brasil não tem elementos para fazer frente a um paiz estrangeiro ? Não veem que sua população não é composta de loucos ?

«Em ultima analyse a idea de um governo central está tão arraiada no coração do proprio nortista que lhe causa muita admiração alguem em seu nome suscitar tão funesta questão.» D'onde deduziram que fallámos em nome do Norte, quando li-

mitàmo-nos a emitiir nossa opinião, como aliás é nosso dever? Não comprehendem que si nós dissemo-nos representantes d'este, elles disseram-se do Brasil inteiro !

«Como se poderá manter a Confederação do Norte, composta em sua maioria de estados pauperrimos que necessitam do auxilio da União para viver » Argumentação solida á primeira vista para aquelles que desconhecem a uberdade do nosso solo, Bilhar & Costa só por brincadeira serviram-se della. A Amazonia, cuja flora tem sido tão decantada, produz : excellente madeira de construcção, marcenaria e tinturaria, arvores resinosas, plantas medicinaes, etc. A borracha abunda em toda ella, que tambem produz cacáo, baunilha, castanhas do Pará, urucú, piassava, salsapárrilha, ipecacuanha, copahyba, além de muitas outras plantas medicinaes, algodão, anil, tabaco especial, assucar, mandioca, milho, arroz, etc., etc. Eis ahi os dous Estados (Parà e Amazonas) a quemos financeiros Bilhar & Costa prognosticam uma breve ruina. Concordemos com elles, mas perguntemos-lhes si là não poderão ser plantadas com proveito o maniçoba, o cansação, ou «essa outra (qual è ?) arvore que abunda em Bombaim »?

«O Piauhy pobre esmoler», etc. etc. O Piauhy, dizemos nós, cria em excesso gado vaccum, cavallar, muar, tem muitas minas de ouro, chumbo e outros mineraes, que para fazerem a felicidade de um povo, si é que a felicidade consiste na riqueza, só precisam de ser exploradas.

O Maranhão, o Ceará, o Rio Grande do Norte e Alagoas, que os *Nortistas* descrevem com cores tão tetricas e com uma impassibilidade nababesca, semelhante a do medico, que, sem um tremor, sem a mais ligeira commoção, marca o termino da vida a um chefe de familia, semelhante a do coveiro, a cantar, a cantar, emquanto sua enxada vai abrindo a valla, onde em breve desapparecerão o corpo do ancião

honrado, o da esposa casta, o da virgem sonhadora dos amores infindos. Estes Estados, replicamos-lhes não ha negar, não tém as finanças em muito brilhantes condições ; mas quem é o culpado da nossa penuria, senão o Governo Federal, que sobrecarrega-nos de impostos, senão o Sul, que n'elle toma parte activissima e lucra com a nossa ruina ?

«Pernambuco atravessa um periodo de decadencia ; a sua lavoura se *anniquila* (?), o commercio definha devido principalmente a importação directa para os estados que se proviam em seu mercado,» etc. Somos os primeiros a reconhecer que não è prospera a quadra que atravessamos, mas a culpa è nossa, ou d'aquelles que imprimiram ao cambio essa baixa extraordinaria, que è um attestado exhuberante do nosso descredito ante o estrangeiro ? a culpa è do Norte, que vive a colher os productos muitas vezes espontaneos do seu solo, sem tomar parte ãlguma na direcção do paiz, ou do Sul, que legisla, que decreta, que executa, que governa ? Não póde aniquilar-se, isto è, morrer, reduzir-se a nada, a nossa lavoura ; não póde porque ahi está o povo, em cujo coração abriga-se a probidade, o amor ao trabalho, o povo, que tem por mãe e por celleiro commum a terra, o povo, que tem momentos de colera quando trata-se de defender seus direitos conculcados ; não pode aniquillar-se porque diariamente organisam-se associações como fim de protegel-a. O commercio de Pernambuco, apesar da existencia do imposto inter-estadoal, imposto que vai de encontro á Constituição, apesar de que a Parahyba, e o Rio Grande do Norte não mais importem d'aqui os abastecimentos de que precisam, o commercio de Pernambuco, dizemos, tambem não definha e não definha porque exporta em abundantissima quantidade : assucar, courame, arroz, milho feijão e o café cuja cultura vai se desenvolvendo muito. O pào-brasil e muitas outras excellentes madeiras serão novas fontes de receita da

mesma forma que o gado o é actualmente em todos os Estados do Norte, Não devemos contar tambem com as riquezas mineraes,que, ignoradas, jazem no interior da terra esperando que a intelligencíae o trabalho do homem vão explora-las ?

Uma ligeira analyse a que procedamos, mostra nos que o Norte está destinado a representar importantissimo papel no mundo financeiro do futuro, mas R. Bilhar e A. Costa dizem o contrario. Concordemos sem deixar de perguntar-lhes : a Inglaterra de hoje, como a Veneza de outr'ora, dispõe de tantos recursos naturaes ?

..... *O velho e legendario leão que perdeu a juba no ultimo combate da 4ª dezena de 1800, vive de sua brilhante historia, uma vida de sonhos e recordações*". Não respondemos ; limitamo-nos a dizer que, porque o grande Nunes Machado tenha succumbido gloriosamente defendendo os seus ideaes, que são os de todos os patriotas, não se pode dizer que o Leão do Norte haja perdido a juba, como se essa juba de que fallam Bilhar & Costa, não fosse uma qualidade psychologica transmittida por via de hereditariedade de paes a filhos !

Está ainda na lembraça publica a attitude brilhantissima que um representante de Pernambuco assumiu na Camara dos deputados, quando os Italianos, firmando suas pretenções no apoio de um Sulista altamente collocado, exigiam uma satisfacção de milhares de contos.

Quando em Canudos, levantado o facho da revolta, pretendiam derribar as nossas instituições, quando os filhos do Norte mais uma vez patentearam o seu valor, quando no Recife, n'uma anciedade dolorosa, organisavam-se batalhões para irem firmar com a ponta do sabre o pedestal vacillante da Republica, quem completou os claros que havia nas fileiras d'esses batalhões ?

Que R. Bilhar e A. Costa perguntem ao Sr. General

Arthur Oscar e d'este ouvirão : Foram aquelles que os Srs dizem ter perdido a *juba* !

«Apparece (no Sul) a iniciativa individual, e ahi estão para attestal-a, as companhias de navegação maritima, estradas de ferro, estabelecimentos industriaes, scientificos e etc, etc.« Mas essa *iniciativa* de que fallam Bilhar & Costa é um attentado contrr os nassos interesses, contra o nosso adiantamento, porque tem a origem na mais franca protecção do Governo Federal, que paga-a por preço elevadissimo,ao passo que o Norte só çonta com os recursos que lhe são proprios ! Ver na falta de *iniciativa* por parte um defeito de organisação... è... Salvo si o mate,que nos falta e no qual consiste a superioridade do Sul, contém o principio da *iniciativa* e o segredo da exploração feita ao som da musica suave das caricias e das ternuras...

E' com o devido respeito que transcrevemos dous periodos dos Drs. R, Bilhar e A. Costa, a quem pedimos a analyse :

«Difficuldade da cobrança de tributos sobre os productos das regiões limitrophes, creação de uma forte marinha de guerra para guarda a vigilancia de suas costas, a impossibilidade de acquisição de receita para fazer face, a todas estas despezas».

«O Piauhy, pobre esmoler, cuja receita inferior a sua despeza precipita-o n'uma divida consideravel ; basta attendermos que para pagar despezas de mais de um exercito foi precizo que o Congresso Federal votasse a lei n. 359 de 30 pe Dezembro de 1895 concedendo o auxilio de 300 contos'

Basta !...

Não vem a proposito dizer-se que a Confederação do mundo ou a sonhada Conderação Universal tão bem defendi-

da pelo famoso genio francez, poeta ou philosopho, pensador de sua geração, é uma utopia»....

Decorria o tempo em que a França era um verdadeiro açougue: no interior a humanitaria invenção do Dr. Guillotin decepava cabeças aos milhares, nas fronteiras os exercitos colligados levavam tudo a ferro e fogo. A anarchia mais tremenda de que resa a historia fallava os posteros pela boca ignea do canhão.

Morto Luiz XVI, encerrados no Templo outros membros da familia real, o throno ainda se agitava em contorsões terriveis, levando a ruina a todos, sem respeito ao sexo, á idade, á posição.

Paris, procedendo para com o resto da França da mesma forma que o Rio de Janeiro, isto é, o Sul, procede para comnosco, exercia sobre todos os departamentos uma tyrannia, uma dictadura injustificavel : a do acazo.

No coração de todos os patriotas agitava-se impetuosamente o receio do futuro, a compaixão do passado, a incerteza do presente.

Marselha, enriquecida pelo commercio universal, com seus homens musculosos e robustos de caracteres ardentes, era o fóco luminoso donde continuamente espargiam-se scentelhas abrasadoras que iam lançar a confusão e o exterminio no meio dos envilecidos realistas.

Vissois passar esses bandos de Marselhezes em delirio tendo á frente o fogoso Barbaroux e entoando o soberbo hymno de Rouget de Lisle e julgarieis ver n'elles a guarda avançada da Republica ; visseisl-os atacar Versailles e suppol-os ieis a phalange principal das Novas Idéas !

Pois bem, o chefe d'esses Marselhezes, Conveccional, publicista, orador, poeta, em cujo coração havia um asylo para cada sentimento nobre e generoso, quando viu a ruina inevitavel da França, quando viu os bandidos dominando-a, quando, com os olhos de sua imaginação privilegiada, architectou na mente todo o drama dos horrores futuros, tentou salvar o departamento que elle representava e que era sua patria ; tentou afastal-o da infamia, do crime que praticavam em nome da causa por que sacrificàra-se, da causa por que tantas vezes affrontou a morte, da causa por que emfim succumbiu com os gloriosos Girondinos !

Tentou ! e Madame Roland, essa victima purissima da Republica, que do alto do cadafalso ainda tinha para ella um sorriso do amor, emquanto a filhinha orphã não mais sentiria o doce conchego do seio maternal, emquanto o velho esposo ficaria privado dos seus affectos, expandiu por vezes sua eloquencia brilhante em rasgos verdadeiramente sublimes, sonhando com uma republica sem macula, alli, à beira mar, afagada constantemente pela brisa perfumada do Mediterraneo !

Que vejam R. Bilhar e A. Costa que si um Francez pregou a Confederação Universal. outros francezes não menos illustres pregaram a divisão da propria França.

8—98.

LUIZ CORREA.

A' alma

Alma immortal, a torturante algema
De argilla, que te prende à forma humana
Despedaça e resolve este problema
Do profundo segredo do Nirvana.

N'um momento de colêra suprema,
Nessa ancia de não ser *ardente e insana*
Rompe os moldes estreitos do dilemma
Da Vida, e corre à Morte, soberana.

Não te detenha o passo o que te espera
Porventura no além, sonho ou chymera,
Inferno ou céo... do mundo te transporta !...

Rasga o casulo vil que te agasalha,
Deixa envolta nas dobras da mortalha
O resto ignobil da materia morta !...

ARISTHEO D'ANDRADE.

LUZ EXTINCTA

Não mais o teu olhar vivo e radiante,
Como as chispas de luz que o sol derrama,
Em mim desperta da volupia a chamma,
A rubra chamma que me fez amante.

Quantas vezes fitei-te, palpitante,
No delirio supremo de quem ama !
Hoje si te contemplo não me inflamma
A tua seducção, nem teu semblante..,

Se acaso o meu olhar demoro ainda
Na fórma esculptural, na fórma linda
Do teu corpo franzino e delicado,

Não julgues que por isso eu te desejo,
Pois, vendo-te, mulher, recordo e vejo
A bella tentadora do Peccado !

ALCIDES BALTAR.

Não é resposta...

Rabiscador humilde, sem pretenções á tonsura, entendo levar agora a serio todo e qualquer assumpto que me incommode os nervos, mórmente quando descobrir nelle algo de suavisador para o meu estado tedioso...

Quando se me deparar assumpto *capuchinico*, então a cousa irá mesmo ao som de uma flauta, isto é, o meu estylo, affeito aos embates constantes de luctas renhidas, não encontrará barreira ou empecilho e,numa sonoridade cantante de prosa limpa e clara, irá pondo calva á mostra a muito *frei* com fumaças de escriptor barato. E' o que faço agora, a proposito de uns grunhidos que, de mistura com as bombas *congressistas*, sahidas a lume ultimamente, provocaram de minha parte um reparo.

Frei *Capucho*, no desespero tantalico do seu despeito e da sua pequenez physica e moral, sahiu, no ultimo *Supplemento*, com uma tirada, realmente grotesca, pensando, talvez, que a gente não lhe sabia da lábia e deixava-o no esquecimento, a ruminar o resto da ceva...dinha. Não, a cousa agora mudou de diapasão : temol-a travada.

O fragmento do sermão, reza : «...raro exemplo de civismo e amor ás lettras (quanta modestia incubada !) luctando contra elementos refractarios ás noções da lealdade e do trabalho honrado... etc.»

Quanto ao amor às lettras, estamos de accordo ; os Srs. Congressistas referidos são mesmo uns batalhadores sem treguas : um, nas «Reacções contra... (caluda !) e o outro, nas estrambolicas ascensões poeticas *á la Président de la Répubiique*.

Somos refractarios ao trabalho, não ha negar, mas ao trabalho *lere* dos nossos adversarios. Sim, empre-

gamos nosso tempo em occupações proveitosas e não trabalhamos *muito levemente*...

Somos tambem, e frisamol-o dignamente, nós os redactores da *Escola*, adeptos do divorcio, razão por que fomos necessariamente incluidos no outro fragmento: «...para a confusão dos nullos que de tudo chasqueiam...

Chasqueamos, chasqueamos tanto, que, para maior despeito dos *zephyros*, começamos a serie despretenciosa destes reparos e terminal-os-emos, sempre, sob a engraçada firma de

M. & C.

Descrença

A' Fonseca de Sá.

Tudo sorri quando desperta a aurora,
o firmamento, o mar, o campo, as flores!
Tudo sorri, respira tudo amores...
Só minha'alma descrente anceia e chora.

Aos beijos matinaes tudo se enflora,
se alegra a matta, em tremulos rumores!...
Passaros roam --- louros sonhadores ---
ao doce som da musica sonora!

Tudo sorri!... De insectos alourados
o bando voeja e, em vivida loucura,
repousa sobre os verdejantes prados!

Só não sorri quem, cheio de amargura,
Vaga no mundo, em meio aos desgraçados,
tendo talvez por noiva a sepultura!

Edmundo Filho,

Quæ flexat me

Ao S. Fernandes

Esta loira creança de olhos pardos,
Que tem na face a candida brancura
Da neve e a essencia calida dos nardos,
No roseo seio de lyrial frescura ;

Esta franzina e pallida creatura,
Que os olhos tem ferinos como os cardos
Se indifferente na celeste altura
Fita-os ou fita-os nos meus olhos tardos ;

Esta, vede-a bem ! suppliciado embora
Pelo desprezo cruel com que me esmaga
A luz do seu olhar que o céo colora,

E' por quem vês, tristissimo rolando
Dos meus olhos o pranto baga a baga
N'uma afflictiva dor se condensando.

Alfredo Maia.

ECHOS

Para a terra brazileira, que, arrastado pelas correntes oceanicas, um ousado marujo luzitano descobriu ao velho mundo em 1500, pondo em evidencia o glorioso Portugal e confirmando-lhe uma vez mais o poderio nos mares, o 7 de Setembro tem uma valia alta-

mente significativa. Recorda a conspiração das margens do Ipyranga, cujo ideal, inscripto em toda a extensão de sua bandeira—INDEPENDENCIA OU MORTE,— era, como foi, sacudindo o jugo da metropole portugueza, a conquista da nossa autonomia politica.

A *Escola de Direito*, pelos moços da academia do Recife, possuida de nobre enthusiasmo, commemora a passagem desse dia, rendendo nestas linhas respeitoso culto á memoria dessa phalange arrojada a quem coube o grande commettimento.

Não fosse o auxilio interesseiro e desleal de Pedro I a empanar-lhe o brilho e diminuir-lhe o vulto...

Damos á publicidade, em nossa edicção de hoje, o soneto *Collo*, producção do aspirante de marinha José Maria Goulart de Andrade, irmão do nosso companheiro de redacção Aristheo d'Andrade.

Nosso presado collega e apreciado poeta Henrique Soido, a seu pedido, deixou de pertencer ao corpo redaccional da *Escola*.

Os Srs. Miguel Bacellar e Palhano de Jesus, distinctos estudantes da Polytechnica do Rio, de passagem para o Norte, trouxeram-nos em nome da briosa corporação, de que são dignos ornamentos, a expressão de seu reconhecimento pela posição que assumimos identificando-nos no protesto contra as arbitrariedades da Policia da Capital Federal.

Jan. 1911

Impressos e imprsssões

Visitou-nos este mez, com a regularidade do costume, o bem redigido orgão do catholicismo, *Era Nova*, que, sob a esclarecida chefia do illustre snr. vigario Augusto — se publica nesta cidade.

Como sempre, offerece aproveitavel leitura a quantos nelle bebem inspiração e commungam nas mesmas crenças.

Pena é, entretanto, que toda vez que se refere ao illustre snr. dr. Erico Coelho, o faça em termos descortezes e improprios de jornalistas criteriosos, como soem ser os que escrevem a *Era Nova*.

Aquelles que se fazem arautos de uma ideia nobre e por ella pugnam, sem medir obstaculos, despresando conveniencias pessoaes, teem jus a nossa veneração e respeito.

Nós assim pensamos.

Ha de convir o estimavel confrade que não lhe vae bem o tratar o snr. dr. Erico Coelho — um espirito superior bem equilibrado, cujo nome é um astro nessa constellação, que é a litteratura patria, um parlamentar operoso e um cidadão correctissimo, do modo por que o fez num dos seus ultimos numeros.

Antes pudessemos dizer com inteira justiça ao illustre collega: a *Era Nova* não faz apologia da logica... da descompostura.

———

Do Sr. Dias Barroso recebemos um livro intitulado *Na Berlinda*, que agradecemos.

———

Agradecemos a visita dos collegas de imprensa deste e de outros estados da Republica e do extrangeiro.